



Sociologia das conflitualidades: o romance “Quarup” de Antonio Callado e sua radicalidade em revolução

Sociology of conflictualities: the novel “Quarup” by Antonio Callado and its radicality in revolution

Edson Benedito Rondon Filho  

edsonrondon@hotmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

 10.52521/21-8327

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 20/05/2022

Aprovação do trabalho: 23/03/2023

Publicação do trabalho: 10/07/2023

Resumo

Este artigo analisa a obra *Quarup* de Antônio Callado, publicada em 1967, pelo Círculo do Livro, e consiste em inventário de sua Fortuna crítica em relação aos aspectos históricos e sociais do tempo romanesco e compreensão da expressão do autor quanto a sua radicalidade ou revolução. O objetivo principal é analisar *Quarup* em sua fortuna e composição crítica, interligando-a ao contexto histórico-social de sua publicação. A abordagem é essencialmente qualitativa com revisão sistemática. Os dados foram coletados através de pesquisa bibliográfica e interpretados com apoio do programa NVivo.10 e suporte na *Teoria Crítica* de Antonio Candido e *Sociologia das Conflitualidades* de José Vicente Tavares dos Santos.

Palavras-chave

Quarup. Antonio Callado. Teoria Crítica. Conflitualidades. Aspectos Históricos Jurídicos e Sociais.

Abstract

This article analyzes the work *Quarup* by Antônio Callado, published in 1967, by Círculo do Livro, and consists of an inventory of his Critical Fortune in relation to the historical and social aspects of the novelistic period and an understanding of the author's expression in terms of its radicality or revolution. The main objective is to analyze *Quarup* in its fortune and critical composition, linking it to the historical-social context of its publication. The approach is essentially qualitative with a systematic review. Data were collected through bibliographic research and interpreted with the support of the NVivo.10 program and the Critical Theory of Antonio Candido and Sociology of Conflict by José Vicente Tavares dos Santos.

Keywords

Quarup. Antonio Callado. Critical Theory. Conflicts. Historical, Legal and Social Aspects.

Introdução

A proposta deste artigo é identificar na escrita de Antonio Callado, via *Quarup*, as características da sociedade brasileira ao tempo romanesco, recursivamente, com base em pressupostos teóricos da *Sociologia Crítica* de Antonio Cândido e na *Sociologia das Conflitualidades* de José Vicente Tavares dos Santos, em retrato da imanência da sociedade tupiniquim, com verificação se o pensamento de Callado é radical ou revolucionário¹.

Obrigatoriamente, temos que retornar ao ano de 2011, quando realizávamos o curso de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, ao participar da disciplina de “Violência, representações coletivas e modernidade”, ministrada pelo Prof. Dr. José Vicente Tavares dos Santos, tomamos contato com a Sociologia do Romance pelas perspectivas de Adorno (2007), Auerbach (2007), Bakhtin (1993), Canclini (2006), Candido (2004a, 2004b, 2004c, 2004d, 2006a, 2006b, 2006c, 2007), Eagleton (2003), Goldmann (1990), Lukács (2000) e Schwartz (2000a, 2000b), entre alguns destaques da vasta bibliografia proposta para analisar e debater Honoré de Balzac (1799-1850), Charles Dickens (1812-1870), Emile Zola (1840-1902), Edgar Allan Poe (1809-1849), Raymond Chandler (1888-1959), Franz Kafka (1883-1924), Lima Barreto (1881-1922), Érico Veríssimo (1905-1975), Antonio Callado (1917-1997) e Stieg Larsson (1954-2004). Dessas obras estudadas a que nos chamou mais atenção, pela sua densidade e proximidade com o Mato Grosso e os muitos Brasis, foi *Quarup* de Callado.

Assim foi gestado o interesse pela Sociologia do Romance que permaneceu adormecido por alguns anos devido a outros projetos, mas que, hodiernamente, concretizou-se em pesquisa vertida para o inventário da Fortuna crítica de *Quarup*, com ênfase no seu enredo, tempo-espço, diegética, linguagem e personagens.

A obra analisada apresenta questões temáticas e espaciais referentes à narrativa de uma realidade do Brasil Central, traduzida no romance, não visibilizada politicamente, e que resulta em descompasso na conjugação de forças entre grupos minoritários e grupos de interesse em disputa no campo cultural, econômico, político, histórico e social. Isso revela a relevância da análise de *Quarup* pela sua atualidade, conhecimento e significação das lutas historicamente travadas em prol da Justiça Social e da defesa de grupos minoritários, como é o caso dos indígenas.

¹ A pesquisa foi desenvolvida junto ao programa de Pós-Doutorado do Departamento de Letras Modernas do “Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas” da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (IBILCE – UNESP), na modalidade III (PD-III), sob orientação do Prof. Dr. Gentil de Faria, para analisar a obra *Quarup* de Antônio Callado, publicada em 1967 pela Civilização Brasileira, mas aqui considerada em relação à edição publicada pelo Círculo do Livro em 1987.

Há na obra analisada uma grande força narrativa, original em forma e situações afloradas em tempo de grandes transformações históricas e impactos até hoje refletidos em nossa sociedade, como foi o caso da experiência do governo militar. Essa realidade fraturada salta aos olhos em *Quarup* com perspectivas de planos literários ficcionais amalgamados com a realidade social. O Brasil, pelas lentes de Callado, apresenta marcas internas e externas, polarizadas pela Guerra Fria, pós-Segunda Grande Guerra, clividente na ousadia literária engajada nas lutas camponesas e causa indígena. Desse mosaico surgiu nossa questão-guia: *O romance Quarup, conforme fundamentos da Teoria Crítica de Antonio Candido, é radical ou revolucionário?*

O objetivo principal é analisar *Quarup* em sua fortuna e composição crítica, interligando-a ao contexto histórico-social de sua publicação, o que possibilita afirmar se o pensamento de Antonio Callado é radical ou revolucionário. Os objetivos secundários consistem: 1) buscar e consultar sítios na internet, em especial ao sistema Athena e banco de teses e de dissertações da CAPES, USP, Unicamp, UFSCAR, UFRGS, UFMG e UFRJ, ainda no sítio da *Folha de São Paulo*, no *Google* e no *Youtube*, para seleção e fichamento de fontes referentes à obra *Quarup*; 2) identificar publicações de *Quarup* em línguas estrangeiras e respectivas editoras; 3) relatar a existência da obra em outras formas de expressão artística; 4) descrever as principais críticas a respeito de *Quarup*; 5) estudar e descrever o contexto histórico-social da temporalidade da obra.

A originalidade desta pesquisa está em agregar ferramentas computacionais para análise qualitativa, como o *software* NVivo .10, o que possibilitou a descoberta de novas significações e mesmo identificação de relações existentes na obra com fundamento na *Teoria Crítica* de Antonio Candido em relação com fundamentos sociológicos.

Metodologia

Como dito alhures, o foco de análise é a obra *Quarup* de Antônio Callado, publicada em 1967 pela Civilização Brasileira, mas aqui considerada em relação à edição publicada pelo Círculo do Livro em 1987.

A abordagem é essencialmente qualitativa, em que pese o emprego do recurso quantitativo para levantamento do número de dissertações e teses que pesquisaram a obra, direta ou indiretamente, para revisão sistemática realizada em sítios da internet, especialmente junto ao sistema Athena da UNESP e banco de teses e de dissertações da CAPES, USP, Unicamp, UFSCAR, UFRGS, UFMG e UFRJ, ainda no sítio da *Folha de São Paulo*, no *Google* e no *Youtube*.

A revisão sistemática apresentou três etapas, a saber: 1) Planejamento; 2) Realização da revisão; e 3) Comunicação. Na etapa de planejamento apontou-se a necessidade

da revisão, a elaboração da proposta do desenvolvimento e a apresentação de protocolo. Na etapa de realização foram identificadas as fontes de pesquisa com seleção de trabalhos e avaliação de qualidade, seguida de extração e monitoramento dos dados de interesse e síntese do trabalho realizado. A etapa de comunicação se restringiu à fortuna crítica da obra pesquisada. A revisão sistemática seguiu os seguintes procedimentos: 1) identificação das fontes de pesquisa; 2) seleção dos trabalhos; 3) avaliação da qualidade e pertinência; 4) extração e monitoramento dos dados de interesse; 5) síntese de cada trabalho selecionado. Foram descartados trabalhos acadêmicos que apenas tangenciaram a obra ou onde o foco se deu na vida de Callado e não em *Quarup*.

Na busca realizada foram retornados 179.413 (cento e setenta e nove mil, quatrocentos e treze) resultados e destes selecionamos somente os trabalhos decorrentes de teses (54.840/ cinquenta e quatro mil, oitocentos e quarenta). Em razão dos números excessivos de retorno (geral: 179.413; doutorado: 54.840; mestrado: 112.689) para o parâmetro “antonio + callado + quarup” e após constatação de que muitos desses trabalhos se referiam a outras áreas de conhecimento sem nenhuma ligação com a obra em análise, resolvemos mudar o parâmetro de busca para “callado + quarup”.

Após a leitura dos resumos, introdução e considerações finais ou conclusões, foram selecionados 34 (trinta e quatro) teses e dissertações do banco de dados da CAPES que versam sobre o **Quarup** de Antonio Callado, deixando para complemento analítico outras 64 (sessenta e quatro) teses e dissertações que pesquisaram a vida e obra de Callado ou mesmo a literatura brasileira e que de certa forma “passeiam” pelo **Quarup** em algum momento do texto.

Das 34 (trinta e quatro) teses e dissertações, selecionadas no banco de tese da CAPES, algumas não estavam disponíveis, pois concluídas anteriormente à Plataforma Sucupira que funciona desde o ano de 2011. Assim, restaram 16 (dezesesseis) trabalhos identificados e localizados na Plataforma Sucupira ou no *Google* para serem de fato analisados.

Para não ficarmos somente com os sítios de repositórios acadêmicos, resolvemos buscar os parâmetros Quarup + “callado” na página da *Folha do Estado de São Paulo*, onde a ferramenta de busca nos retornou 82 (oitenta e dois) resultados, todos referentes a matérias jornalísticas que narravam fatos envolvendo ou o autor Antonio Callado ou referências às suas obras.

O sistema *Google* retornou 120 (cento e vinte) resultados para os parâmetros “Antonio + quarup + callado” e desses foram selecionados 37 (trinta e sete) trabalhos para análise posterior. O sistema de busca do site do *Youtube* retornou 27 (vinte e sete) vídeos com relação aos parâmetros selecionados e desses foram selecionados 22 (vinte e dois) vídeos com conteúdo relacionados ou ao autor ou às suas obras.

Ressalva deve ser feita, pois que foram descartados trabalhos acadêmicos que apenas tangenciaram a obra ou onde o foco se deu na vida de Callado e não em *Quarup*. Ao final, ficamos com 133 (cento e trinta e três) arquivos selecionados entre teses, dissertações, artigos acadêmicos, artigos de jornais e vídeos para serem efetivamente analisados, conforme quadro adiante:

Quadro n. 1 – Quantidade de trabalhos acadêmicos, artigos e vídeos sobre *Quarup*

INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE
BANCO DE TESE/ CAPES	15
UNESP	4
USP	4
UFRGS	2
UNICAMP	2
UFSCAR	1
Folha de São Paulo	48
Google	35
Youtube	22
TOTAL	133

Fonte: Autor.

A interpretação foi realizada com apoio do programa NVivo.10 que permitiu a criação de *nodes* correspondentes à própria obra em análise, a organização de seus capítulos, o enredo com as temáticas abordadas, a topologia da narrativa e o papel de cada uma das personagens, bem como a vida do autor, gerando uma sistematização dos dados com realce às evidências encontradas, principalmente quanto aos léxicos mais empregados e geração de nuvens de palavras para melhor visualização, sendo a análise final fundamentada na *Teoria Crítica* de Antonio Candido, principalmente no referente ao arcabouço temático apontado de maneira descritiva, onde a análise se verte para as dimensões histórica e social. Para efeito deste artigo, ficaremos com a apresentação somente dos aspectos referentes à Fortuna Crítica da obra.

Resultados

O inventário da Fortuna crítica da obra *Quarup* foi obtida através da revisão sistemática como procedimento de pesquisa, sendo a estratégia de busca explícita e indi-

cada nos objetivos, com seleção baseada em critérios aplicados uniformemente e avaliação criteriosa que permitiu inferências baseadas nos resultados das buscas realizadas, conforme explanado na seção de metodologia.

A Fortuna pensada neste artigo é aquela que toma o sentido maquiavélico e comentada por Weffort (2006, pp. 21-24), ou seja, uma deusa boa e necessária como aliada potencial para aquisição de honra, riqueza, glória e poder, cuja conquista demanda coragem e virilidade, consagradas na *virtù*, e que não se verte diante do “poder cego”, onde “(...) a liberdade do homem é capaz de amortecer o suposto poder incontrastável da Fortuna”. A liberdade concedida às letras foi compreendida por Callado que muito bem exerceu sua coragem, marcando seus textos com oposição qualificada ao regime militar, conquistando Fortuna literária por sua luta política, consubstanciada no seu espólio essa riqueza ímpar e respeito dos críticos e leitores.

Para um bom delineamento da Fortuna crítica de *Quarup* importante destacar que sua narrativa se desenlaça dos anos 1950 aos 1960 do século 20, período este de grande agitação política e eventos que marcaram a história brasileira.

Não podemos deixar de destacar que nas décadas antecedentes (1930 e 1940), o Brasil vivenciou o Getulismo (era Vargas), com sua política populista e de autoafirmação como “pai dos pobres”, emblematicamente coincidindo com o início da política indigenista expansionista ao centro e norte do país.

Na temporalidade histórica narrativa (década de 1950), temos diversos fatos que marcaram nossa história, como a volta de Getúlio ao poder, o atentado a Carlos Lacerda, e a morte do próprio Getúlio em condição até hoje polemizada: suicídio ou assassinato? Como dito por Suzuki & Stycer (1997), Callado achava que o suicídio de Getúlio Vargas poderia ter resultado em revolução.

Ainda, na década de 1950, podemos contextualizar a abertura da economia brasileira e preparação de mudança da capital do país do litoral para o planalto Central, materializada na construção de Brasília, inaugurada por Juscelino Kubitschek no ano de 1960.

Na década de 1960, o destaque fica pela célere passagem de Jânio Quadros pela Presidência da República e o golpe militar realizado sobre o Governo de João Goulart (1964) que culminou com o afastamento do Governador de Pernambuco Miguel Arraes.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, um dos símbolos de apoio ao regime militar foi incrustada na narrativa, como também as ligas camponesas, o método Paulo Freire, o movimento estudantil e o governo de Miguel Arraes no estado de Pernambuco.

Como dito alhures, a obra *Quarup* de Antonio Callado, publicada em 1967 pela Civilização Brasileira, traz como marca temporal uma narrativa que permeia a história política brasileira, o que dá realismo ao romance e um aspecto de veracidade aos enredos

das personagens que se interligam de maneira indireta com as personalidades políticas e os fatos históricos do tempo interpolado (anos 1950 a 1970). Chiappini (1994, p. 97) diz que o crítico Franklin de Oliveira renunciou na “orelha” do livro que a obra representaria a literatura brasileira dos anos 1960, sobretudo pelo desejo de transformação apostado na obra, carregada de energia.

A crítica considera *Quarup* uma das obras mais emblemáticas e representativas do Brasil, pois narra a inauguração do regime militar (1964) e seus métodos ortodoxos de obtenção de confissões e informações, fundados em perseguições e torturas, claramente denunciados na obra. É a revolução em obra, entranhada na carne e alma, como um rio que sufocado pelo autoritarismo continua no subterrâneo, bastando ter bons ouvidos para ouvi-lo correr a procura de sua libertação, à luz de Ferreira Gullar (*apud* CHIAPPINI, 1994, p. 97).

Leite (*apud* CALLADO, 1982, p. 100) aproxima a ficção de Callado, autor da obra analisada, ao projeto alencariano, uma vez que seus romances sondam os avessos da história do Brasil, com forte influência das narrativas francesa e inglesa, sem nos esquecermos da inspiração brasileira fundada em José de Alencar e Machado de Assis. O bloco da obra de Callado, para Leite, é “uma reiterada ‘canção do exílio’”, inserindo-se no projeto dos românticos que tem como tarefa principal a redescoberta do Brasil, através de uma cartografia literária onde ecoam bosques e florestas e transcorrem temas universais, problematizados indutivamente pelas histórias individuais possíveis de generalização.

Vários críticos já leram *Quarup* como a trajetória do abandono da religião pela política, mas na verdade essa leitura é um tanto simplista. Não se trata de uma negação da religião, nem mesmo do Cristianismo. Trata-se, muito mais, de percepção quase profética dos novos rumos que a própria Igreja estava começando a trilhar, no Brasil e no mundo, bem como da afirmação de uma religiosidade mais livre para uma sociedade mais justa. (CALLADO, 1982, p. 101).

Chiappini (1994, p. 98), também, resgata essa trajetória de influência desde Gonçalves Dias e José de Alencar até Guimarães Rosa², na ambivalência entre o nacionalismo e o cosmopolitismo ou entre o regionalismo e a vanguarda, o que de certa forma atende a uma leitura da tradição literária de forma harmônica, num trânsito entre a realidade e a ficção.

2 Ferreira Gullar disse que: “De fato, enquanto lia o romance, não podia deixar de pensar nos índios de Gonçalves Dias, em *Iracema*, de Alencar, em *Macunaíma*, de Mário de Andrade, em *Cobra Norato*, mesmo nos *Sertões*, de Euclides, em Guimarães Rosa. Pensava na abertura da Belém-Brasília, no Brasil, nesta vasta nebulosa de mito e verdade, de artesanato e eletrônica, de selva e cidade, que se elabora, que se indaga, que se vai definindo” (CHIAPPINI, 1994, p. 98).

Souza (2008, p. 133) considera que *Quarup* é um romance de tese³, marcado por ondas dialéticas e entrelaçamentos de ideologias importadas, marcadas pelo colonialismo, mas que se converte em embrião do “romance pós-colonial que politiza o estético no Brasil”.

Quarup, como construção utópica, é percebido por Agazzi (1998) como “romance de aprendizagem”, realçando o significado da obra de Callado para se compreender o período ditatorial brasileiro, com o recurso da *Teoria do Romance* de Lukács.

Martinelli (2006) considera *Quarup* uma obra de deseducação na medida em que faz chamamento para a posição crítica do intelectual alienado que não dialoga com a realidade e que deve se despertar.

Bender (2010.), retomando crítica de Candido (2006, p. 253), destaca o caráter inovador do *Quarup*, ficção que marca o decênio de 1960 e integra a “literatura participante” com maestria e destreza, o que coloca Callado como cronista de qualidade e crítico do golpe militar.

Segundo Thomaz (2017), os dizeres de Ferreira Gullar e Hélio Pelegrino elevam o *Quarup* à condição de obra-prima que sintetiza a estética do projeto nacional pensado pelos movimentos sociais e intelectuais ao tempo de sua publicação e reflete a “encruzilhada civilizacional” enfrentada pelo Brasil.

A obra em análise transcende seu tempo e tem servido de referência para inúmeros trabalhos acadêmicos e críticas literárias. O interesse em compreensão (pesquisa) é um indicativo de relevância da obra e, neste caso especialmente, os números comprovam, justamente, o que afirmamos em relação a *Quarup*, sua *Fortuna Crítica* mantém-se numa constante.

Tanto é que a obra foi adaptada para o cinema em 1989, sob a direção e roteiro de Ruy Guerra, em filme colorido de 119 minutos do gênero drama, possuindo no elenco Taumaturgo Ferreira, Fernanda Torres, Cláudio Mamberti, Cláudia Raia, Cláudia Ohana, Maitê Proença, Roberto Bonfim, Mauro Mendonça, Lucélia Santos, Ewerton de Castro, Paulinho Moska, entre outros.

Outro indicativo de importância são as traduções, vertidas para diversas línguas. A obra foi traduzida para o inglês em 1970, tendo como título *Quarup: a novel*, publicada pela editora Knopf de New York. Em francês *Quarup* teve sua tradução em 1971, realizada por Conrad Detrez, publicada por Éditions Du Seuil sob o título *Mon pays en croix*. Basílio Losada traduziu a obra para o espanhol em 1979, publicada pelo editor Argos Vergara, ficando com o seguinte título: *Quarup: La gran novela del Brasil contemporaneo*.

3 “O romance de tese, remontando ao surgimento do romance burguês, nos séculos 18 e 19, amenizou sua fórmula durante o século 20. Esta fórmula, baseada no confronto entre um projeto narrativo (tese) e nítidos obstáculos (antítese) sofreu vários processos desconstrutores até gerar romances híbridos do pós-modernismo que desarticulam e re-articulam idéias, valores e utopias bem delineados” (SOUZA, 2008, p. 134).

A edição germânica foi intitulada *Quarup: Roman* e publicada em 2016 pela editora Kiwi Bibliothek, contando com a tradução de Karin Von Schweder-Schreiner.

A obra resiste à leitura datada, como dito por Chiappini (1994, pp. 99-100), por ser “(...) um livro profundamente histórico e profundamente artístico, desmentindo os pre-conceitos que frequentemente levam a crítica a opor o histórico ao estético”. É a história dos lugares de memória e retoma o passado no presente numa dialética da interrogação dos lugares-funções-símbolos em potência transformadora da memória individual.

É a prova de que nem sempre história e romance andam no mesmo compasso, mas ainda possível e, mesmo no espaço, importante frisar que as geografias fissuram, também, o tempo. É uma obra preñe de conhecimento pelo Brasil, retratado num caldeirão de utopias, carente de transformação no plano político-social-econômico. Carrega, ainda, enigmas sociais e dilemas que conduzem à reflexão da situação e condição brasileira naquele tempo histórico, sendo fundamental destacarmos alguns dos enigmas retratados, o que faremos adiante.

Enigma social da obra

A obra apresenta múltiplas formas e possibilidades de leitura e compreensão, colocando em debate níveis de uma sociedade que carrega a saga ameríndia e camponesa em oposição ao Brasil litorâneo, contaminado politicamente, que se liga à Europa e à América. O paradoxo está justamente nesse realismo que exalta a suntuosidade de nossos recursos naturais e dos povos tradicionais em contraposição à política opressora marcada pela corrupção e abusos que atrapalha e estraga todo e qualquer projeto de sociedade.

Callado fragmenta os fatos políticos, econômicos, sociais e históricos apresentados em *Quarup* e nos convoca a refletir sobre as dificuldades apresentadas nas qualidades ou particularidades do Brasil, expostas em forma de enigma desvelador da realidade social ambígua *de per si*, restando a indagação pelos motivos da não transformação do quadro apresentado.

As temporalidades das várias personagens são distintas, inclusive intrinsecamente, pois apesar da narrativa no presente, as inflexões resgatam uma lembrança de um passado futuro, onde o ideário da personagem central (Padre Nando) é a realização de um projeto passado de uma personagem sempre presente (Levindo) – não em corpo, mas em lembranças – e determinante nas ações e desenvolturas do enredo.

A narrativa é em terceira pessoa, o que nos passa a presença de um terceiro onipresente e onisciente, que a tudo vê e sabe e nos narra, inclusive, os pensamentos, o que passa uma credibilidade ao narrador.

Vivos ali só Nando com a lamparina de querosene e Cristo na luz da sua glória. Diante do Cristo a temível balança onde os menores pecados de omissão e de intenção rompiam a linha de fé, deslocando com extravagância o fiel (CALLADO, 1974, p. 7).

(...) Otávio o mirava firme, mas Nando se agarrou por dentro, organizou-se. Era o cúmulo se um comunista o pilhasse em flagrante de cheirar lança-perfume (*idem*, p. 74).

Ramiro estava lívido de cólera pensando naquela mulher que era do Falua, do Gouveia, do Anta mas que nem nua e à sua mercê o queria (*ibidem*, p. 192).

Há um atravessamento de todas as personagens pelo narrador o que nos conduz a uma incerteza do autor em definir quem seria a protagonista de fato do enredo. A diegética de *Quarup*, em tempo e espaço, focaliza respeitável percentual à personagem Nando, mas isso não quer dizer que as outras tenham menos importância, como é o caso de Levindo que dialoga com Nando durante toda a trama.

As ambiguidades são uma constante que permeia toda a obra em forma de vários dilemas, como o pecado (o que é o pecado, afinal?) e a catequização, as drogas e a abstinência, a emoção e a razão, a exploração pelo desbravamento e a preservação do intocado, a castidade e a luxúria, o amor e o desprezo, o selvagem e o dominado, a doutrina que aprisiona e a libertação, entre tantos outros.

Esses pares de oposição estão na balança do pensamento/ ação das personagens e dão um tom de superação e mudança de percepção quando a cada quadro o leitor percebe essas oposições afloradas na mesma pessoa ou evocadas pelo narrador. É o padre que se deita com mulheres, quebrando seu voto de castidade e se remói de remorso, mas que volta a quebrar seu voto em um dilema irresoluto entre o prazer da carne e o salvamento da alma, alentando-se em uma missão reprodutora da saga jesuíta nas Missões para consolidação da utopia socialista de revolução no centro-oeste do Brasil. É o provar matrimonial de substâncias proibidas cujo experimento de sensações únicas enlaça o vínculo homem-entorpecente e colocam na pauta o uso dessas por pessoas dos variados estratos sociais.

As ambiguidades de Nando gestam dúvidas ao leitor sobre quais papéis preponderaram em suas ações: Padre? Catequizador? Indigenista? Prostituto? Alfabetizador? Professor? Agitador? Revolucionário? Ou aquele que está sempre em constante conflito com o dever Kantiano e em oposição à heteronomia correspondente ao tempo social narrado? Poderíamos simplesmente refletir sobre o *Homem Plural* de Bernard Lahire (2002).

Nando é o retrato de nossa pluralidade variante em relação contextual dependente do tempo e do espaço. É o catequizador que sucumbe aos desejos carnavais, quebrando os votos de castidade com alteração de seu caminho de vida, conforme se altera

o tempo e espaço do romance, em ambiência vivida em Pernambuco, no Rio de Janeiro e no Xingu. A paixão secreta por Francisca o incomoda menos que a presença de Levindo, noivo daquela, que em defesa da causa camponesa é morto em confronto com fazendeiros, tornando-se uma presença na memória de Nando ao ponto de se converter em frustração, uma vez que Francisca, mesmo se relacionando sexualmente com Nando, continua a preservar a memória de Levindo. Nando, cercado nesse labirinto de paixões e decepções, se vê conduzido a assumir a identidade de Levindo e continuar sua luta. Essa atitude deixa em aberto a possibilidade de Francisca o amar de maneira despudorada e sem remorso, pois que então, Nando passa a ser não mais ele próprio e sim o próprio Levindo, em nome da Revolução que nunca chegou.

A questão indígena salta aos olhos do leitor, conforme aponta o próprio Callado, como reflexo da influência de seu avô materno que escreveu os ensaios *O Selvagem perante a lei* e *A pena de açoites*, entre os tantos atos em defesa dos direitos humanos dos indígenas realizados pelo avô. Fica evidente o choque entre a questão colonizadora e a questão indígena, mas em *Quarup* os indígenas já não são idealizados de maneira romantizada, pois foram contaminados e muitos exterminados pela colonização caraíba.

Apesar da herança indianista de José de Alencar, Callado foge dos estereótipos indígenas em sua narrativa e agrega à subjetividade do índio os efeitos da colonização e da crise territorial, aproximando a ficção à história, com clara instrumentalização das questões indígenas para capitalizar propostas políticas voltadas mais à ética da convicção do que para a responsabilidade.

Outro ponto a destacar é o nome do romance em alusão ao ritual indígena, cuja centralidade se esvai entre tantos outros temas, mas nos leva a indagar se o romance todo não seria o próprio *kuarup* em metáfora à natureza humana de Nando em constante metamorfose/ renovação. Paradoxalmente, o símbolo da luta pela causa indígena é a personagem de Fontoura que, desesperado ante tanta falta de compromisso e entregue ao alcoolismo, tenta a todo custo resistir em nome da proteção da cultura indígena, mas é devorado vivo pelo grande formigueiro localizado no coração do Brasil, como se a causa indígena não tivesse espaço na política por sua sofreguidão e dependência dos males da civilização caraíba. Surge em pauta a questão entre o isolamento ou a integração do índio à sociedade, onde Nando é favorável à educação dos indígenas, ao contrário de Fontoura que defende a criação de um “Estado dos Índios” em oposição ao Parque Nacional do Xingu, pois que no mundo todo as reservas indígenas se transformaram em locais de extermínio, convertido em genocídio em ato (CALLADO, 1987, p. 160-161).

Callado, também, traz para a obra o método de alfabetização proposto por Paulo Freire, empregado por Francisca para alfabetização do Movimento Cultural Popular fa-

zendo “(...) uma coisa ou uma ação virar palavra” como expressão de luta pelos direitos humanos.

No entanto, os enigmas não se exaurem e nos conduzem às questões que pensamos serem fundamentais, pois movimentam a subjetividade de Nando o tempo todo: A Revolução Socialista é possível? Como fazer uma revolução de transformação estrutural sem antes haver uma transformação de base (quebra da ordem jurídica?), cultural e, até mesmo, dos sujeitos envolvidos?

(...) Quanto às Missões, às ruínas dos Sete Povos, elas são os restos de uma experiência maior do que qualquer das utopias abstratas já escritas. Ali os jesuítas tentaram recomeçar o mundo com os índios guaranis.

– O que é que eles fizeram? Disse Winifred.

– Uma República cristã e comunista que durou século e meio, minha senhora. Incrível a displicência de historiadores diante da maior experiência social que se fez sem dúvida na América e que possivelmente foi a maior do mundo desde o Império Romano.

(...) Espanha e Portugal destroem a fulgurante República Guarani. A idéia comunista, fundamental no homem, é torcida e recriada no século seguinte pelo Manifesto Comunista. Para sempre a Igreja perde a primazia. E, no entanto, o que se sabe hoje desse instante crucial da história humana, dessa tragédia nos campos e florestas do Sul da América do Sul? Nada. (CALLADO, 1984, p. 15)

Como resposta, Callado aponta para um “beco sem saída”, onde a quebra dos dogmas não é suficiente para alterar o quadro de desalento, em reforço, sua literatura engajada não dá conta de pulverizar o grande formigueiro instalado no coração do Brasil que corrói e devora a todos, tal qual a corrupção, mas serve de denúncia para que haja o despertar de uma luta revolucionária. Hoje seus alfarrábios servem como memória que impede o esquecimento sobre o que acontecia “nos porões da ditadura” e da importância da dignidade humana, principalmente para os povos tradicionais.

Discussão e Considerações

Conforme a proposta, realizamos o inventário da Fortuna crítica da obra, buscando responder à questão-guia: O romance *Quarup*, conforme fundamentos da Teoria Crítica de Antonio Candido, é radical ou revolucionário?

Para tanto, com base nos pensamentos de Candido (2004c, p. 193), faz-se necessário investigar nas pistas do pensamento radical a defesa ou a comprovação de transformação social ou de corte revolucionário identificadas nas entrelinhas de *Quarup*, o que poderia comprovar o radicalismo como contraponto ao conservadorismo, seja por um conjunto de ideias ou atitudes que reajam de modo progressista aos problemas sociais e formem uma doutrina política isolada ou integrada a sistemas.

Frisa-se que quando o radicalismo é gestado nas classes médias e outros setores

tidos como “esclarecidos” ele não é revolucionário por carecer de identificação com as classes trabalhadoras, estas sim potencialmente revolucionárias (*idem*, p. 193-194).

Mesmo em caso de equivalência entre pensamento radical e pensamento revolucionário, aquele não produz comportamentos revolucionários. O pensamento revolucionário não se prende à sua classe, enquanto o radical se atrela à sua, pois sempre contemporiza o caminho a seguir (*ibidem*, p. 194).

No entanto, no Brasil, o radical tem papel relevante, pois atenua o imenso arbítrio das classes dominantes ao propor soluções não conservadoras, ajudando a causa revolucionária, impedida pela extrema desigualdade econômica e social em afetação no nível de consciência política do povo (*idem*, p. 194).

O radicalismo pode ser um corretivo da tendência predominante nessas sociedades, onde há sobrevivência de oligarquias, interferências militares recorrentes e soluções populistas, com vistas à manutenção de privilégios e vantagens das classes dominantes (*ibidem*, p. 195).

Negativamente, o radical, pela atenuação ou oportunismo inconsciente, pode desviar o curso das transformações, em razão de sua ambiguidade que o torna suscetível de condução pelos interesses preponderantes, como foi o caso do marxismo que, enquanto doutrina, só se materializou onde sua aplicação foi combinada com as tradições radicais locais, a exemplo da Rússia cujo resultado foi o marxismo-leninismo, da China com o Maoísmo decorrente da revolta agrária e de Cuba, onde prevaleceu a base do pensamento de José Martí e a prática de guerrilha, ou seja, “os radicalismos de cada país pode ser a condição de êxito do pensamento revolucionário” (*idem*, p. 195-196).

Interessante que Candido (2004c, p. 196-197) afirma que no Brasil o radicalismo é ligado às classes médias, mas também às classes dominantes e oligarquias tradicionais, o que inviabiliza a revolução, restando somente a possibilidade de modificações sob o disfarce de concessões mínimas, também presentes nas concepções radicais. Como exemplo, ele cita o caso de Alberto Torres, conservador convicto que apresentou fortes argumentos contra o “preconceito pseudocientífico” que imperava no seu tempo em desqualificação da mestiçagem e apoio ao pensamento da desigualdade mental entre as raças e, também, no caso de Gilberto Freyre que apresentava como pauta do debate o papel do negro na sociedade brasileira, numa radicalidade incoerente em razão de sua origem de manifestação, o que transparecia a ideia de aberração.

As mudanças vistas pelas classes dominantes tendem a ser mínimas, enquanto que para as classes trabalhadores devem ser mais profundas, pois só assim podem mudar de posição. Caso essas mudanças profundas não sejam possíveis, recomenda-se a conveniência do radicalismo para alcance de algumas pautas necessárias para se chegar à revolução, por isso a necessidade de se conhecer a história do Brasil para se ter

consciência das possibilidades e dos rumos das transformações sugeridas, ou no radicalismo ou na revolução.

Candido revelava preciosidades brotadas das entrelinhas das obras por ele analisadas, numa perspicácia ímpar, inspirando-nos a seguir seus procedimentos, sobretudo para análise histórica, social e jurídica de *Quarup*, perseguindo a inquietante questão quanto às perspectivas radical ou revolucionária.

Em perseguição a essa resposta, como já afirmado, fizemos uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que pese o emprego do recurso quantitativo, o que possibilitou a interação entre o objeto de estudo e pesquisador, com registro de dados ou informações, seguido de interpretação com ferramentas adequadas aos objetivos propostos, produzindo resultados holísticos e não generalizáveis (SERAPIONI, 2000, p. 187-192).

Quanto às eventuais limitações possíveis de acontecer durante a pesquisa, sobretudo em relação ao tempo de realização da fase exploratória e redação deste artigo, lembramos que nenhuma pesquisa é completa ou dá conta da totalidade da análise e, também, não cairemos nesse equívoco pretensioso de “esgotar” algo que é clássico, atemporal e plasmado de múltiplas leituras e significações, como é o caso de *Quarup*, o que não desmerece a nossa empreitada de análise.

A Fortuna crítica de *Quarup* demonstra por seu inventário – que não pode ser dissociada do contexto histórico-social e seus impactos no mercado editorial de publicação de obras, bem como, outras formas de expressões artísticas e das críticas a seu respeito, sobretudo pela relevância das cenas e quadros descritos na narrativa – a grandiosidade de seu espólio, carregado de realismo e atualidade, pois é histórico e estético, retratando com fidelidade a realidade brasileira, catalisada na narrativa inerente a Nando e suas aventuras e desventuras nos brasis de Callado.

A obra cumpre uma função social ao apresentar um Brasil visto a partir de seu interior, onde projetos pessoais se colidem com os projetos políticos e a convicção prevalece de maneira irresponsável reinventando o país que é devorado pela desesperança retratada no grande formigueiro.

Lembramos que a “(...) literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas [são] casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica” (CANDIDO, 2004b, p. 180-181). Por isso importante identificar o sentido (função) dos elementos da obra e suas correlações com outros elementos dessa mesma obra, por exemplo, a metáfora tem um sentido de oposição a outra imagem de forma mais intensa (TODOROV, 1976, p. 210).

É nessa lógica que a literatura produzida por Callado ganha relevância, pois este fragmenta os fatos políticos, econômicos, sociais e históricos apresentados em *Quarup*

e nos convoca a refletir sobre as dificuldades apresentadas nas qualidades ou particularidades do Brasil, expostas em forma de enigma desvelador da realidade social ambígua *de per si*, restando a indagação pelos motivos de sua não transformação.

Isso confirma a relevância de *Quarup* para compreensão da realidade concreta e mais ainda o papel da Sociologia do Romance como extensão do texto em análise e participante do afloramento dos significados e amarrações às necessidades do homem. Callado descreve em minúcias as condições e situações de vida de um padre que abandona a ordem por diversos motivos e dessa lição fica diversas interrogações, como qual o papel da Igreja na transformação da realidade e condições materiais da população mais carente e das minorias, refletidas na estética narrativa.

Os assuntos pautados são de extrema relevância e tangenciam a realidade de maneira comovente e gesta inquietação no leitor diante de tanta opressão, violência e violações vividas pelas personagens, amenizadas pela busca incansável do amor idealizado e pelas pitadas de humor advindas de alguns quadros, principalmente, os que envolvem a pureza indígena nos diálogos travados com os caraíbas, soando sempre como o mesmo roteiro anteriormente ensaiado, em oposição ao índio de Callado que contaminado pelo branco comete os mesmos pecados. Podemos afirmar que a obra é a própria conflitualidade encarnada, onde as violências se espraiam socialmente em feixes relacionais, tal qual propôs José Vicente Tavares dos Santos (2009).

Enquanto literatura em livre expressão de pensamento condensou os conflitos, angústias, antagonismos, paixões e desejos tão comuns e ao mesmo tempo tão caros à nossa natureza humana, bem representando a realidade sócio-histórica do período retratado, ao tempo que muitas das pautas permanecem atuais, outras, inclusive, foram retomadas com a virada na orientação política do Brasil advinda da eleição presidencial de 2018, a exemplo do caso da polarização entre comunismo e capitalismo, a questão ambiental, a causa indígena, a retomada por parte da população do conservadorismo moral e religioso, a criminalização daqueles que lutam pela reforma agrária e dos movimentos sociais, o ressurgimento do americanismo e a exacerbação da violência contra mulher e minorias.

Como defendido alhures, *Quarup*, enquanto Romance de Conflitualidades, sustentado na *Teoria Crítica* de Antonio Candido e da *Sociologia das Conflitualidades* de José Vicente Tavares dos Santos, possibilita compreensão de infinitudes de cenários e das violências que interferem nas práticas sociais e sua reprodução, com ênfase nas vivências e historicidades que fazem parte das sociabilidades em quadros multifacetados variantes em lócus heterogêneos que abrangem diversas formas de socialização e culturas, exemplo do nordeste, do Rio de Janeiro ou mesmo do Xingu, o que implica no desvelamento da alma brasileira, mesmo que seja para potencializar a desesperança na

mudança do quadro social, político e econômico.

Quarup estimula variados sentidos que, em razão das condicionantes afetivas ou cognitivas e, também, das éticas, históricas, culturais, temporais e ideológicas, provoca indagações e reflexões no leitor diante da possibilidade de vinculação com a realidade, que é problematizada e discutida todo momento na narrativa, por isso é um clássico. Mais que isso, pensamos que preenche os pressupostos da base revolucionária defendida por Candido, mesmo que materialmente a revolução não tenha chegado, pois propõe a transformação social de base pela luta armada, fazendo a todo instante contraponto ao pensamento conservador.

As pistas que seguimos em *Quarup* indicam uma proposta revolucionária, primeiramente fundada em ideias, através da mudança de consciência da classe trabalhadora, inclusive com ênfase na pedagogia crítica, mas ao final, diante do fracasso pelas vias mais pacíficas, propõe-se a luta armada para enfrentamento dos problemas sociais.

No entanto, observamos uma questão fundamental na proposta revolucionária de Callado, pois como homem das letras, jornalista empenhado com as causas sociais, sua vinculação com a classe média, em nossa opinião, seccionou eventual identificação de suas ideias com as classes trabalhadoras, fragilizando sua potência revolucionária, afinal as ideias devem circular para serem acessadas e como pensar em circulação de ideias revolucionárias incrustadas em obras literárias quando o acesso à literatura não faz parte do cotidiano de dado segmento social? Não que as classes trabalhadoras, estas sim potencialmente revolucionárias, não acessem e reflitam sobre conteúdos históricos e sociais de romances, mas temos que considerar a raridade dos romances que, de fato, tragam conteúdos revolucionários e tenham leitura atrativa para os integrantes dessas classes.

De certa forma, Callado transporta para dentro de seus romances a perspectiva revolucionária, mas não deixa de ressaltar o comportamento da classe média, de maneira profundamente radical, afinal, como dito por Benjamin (1985, p. 213), o romance “(...) não pode dar um passo além daquele limite em que, escrevendo na parte inferior da página a palavra *fim*, convida o leitor a refletir sobre o sentido de uma vida”.

Nesse raciocínio, afirmamos que Callado é um radical em revolução, pois sua obra é coerente com sua biografia e proposta política, mas, infelizmente ficou presa àqueles que têm acesso à arte literária, consubstanciando-se em radicalismo que se pretende revolução. O que ameniza essa angústia é que o radicalismo do pensamento de Callado é permanente e ainda sobrevive como ponto de resistência e contraponto à desigualdade econômica e social presentes em nossa realidade social, podendo servir de corretivo, como dito por Candido (2004c, p. 195), da tendência de sobrevivência das oligarquias e do populismo reinante.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Introdução à Sociologia** (1968). São Paulo, UNESP, 2007.

AGAZZI, Giselle Larizzatti. **A Crise das Utopias: A Esquerda nos romances de Antonio Callado**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo, Hucitec, 1993.

BENDER, Mires Batista. Quarup: uma alegoria do Brasil. **Tabuleiro de Letras** v. 3, n. 1 (2010). Salvador - BA: Departamento de Ciências Humanas do Campus I, 2010. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/139> Acesso em: 20 mai. 2022.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política. **Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

CALLADO, Antonio. **Quarup**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

_____. **Quarup**. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. **Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Ligia Chiappini Moraes Leite**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

CANCLINI, Néstor Garcia. **La Producción Simbólica: teoría y método en Sociología del Arte**. México, Siglo XXI, 9ª ed. 2006.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4ª Ed. Reorg. Pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004a.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários escritos**. 4ª Ed. Reorg. Pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004b, p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. Radicalismos. **Vários escritos**. 4ª Ed. Reorg. Pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004c, p. 193-214.

CANDIDO, Antonio. **O Discurso e a cidade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2004d.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006a.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006b

CANDIDO, Antonio. **Tese e antítese**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006c.

CANDIDO, Antonio *et alii*. **A personagem de ficção**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

CHIAPPINI, Ligia. Nem lero nem clero: historicidade e atualidade em Quarup de Antonio Callado. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, nº 2. São Paulo: ABRALIC, 1994.

EAGLETON, Terry. **Sweet Violence: the idea of the tragic**. Oxford: Blackwell, 2003.

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed. 1990.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MARTINELLI, M. **Antonio Callado**: um sermonário à brasileira. São Paulo: Annablume, 2006.

SCHWARTZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. Editora 34, 2000a.

SCHWARTZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. Editora 34, 2000b.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5 (1): 187-192, 2000.

SOUZA, Licia Soares de. A estrutura pós-colonial de Quarup, de Callado. **A Cor das Letras**. UEFS, n.9, 2008.

SUZUKI, Matinas; STYCER, Mauricio. Antonio Callado chega aos 80 e revê obra. In; **Folha de São Paulo**. Ed. 26 de janeiro de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/26/brasil/14.html> Acesso em: 20 mai. 2022.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009 (Série Sociologia das Conflitualidades, 3).

THOMAZ, Daniel Mandur. Textos inéditos de Antonio Callado revelam faceta desconhecida do autor. In: **Folha Digital**: coluna ilustrada. Ed. 30/01/2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1854147-textos-ineditos-de-antonio-callado-revelam-faceta-desconhecida-do-autor.shtml> Acesso em: 20 mai. 2022.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da Narrativa Literária. In: Barthes, Roland et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. Pesquisas Semiológicas. 4a ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1976, p. 209-254.

WEFFORT, Francisco C. (organizador). **Os clássicos da Política**. Vol. 1. São Paulo: Editora Ática, 2006, p. 21-24.

Sobre o autor

Edson Benedito Rondon Filho - Professor do Curso de Direito da Faculdade Católica Rainha da Paz (FCARP) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Membro do Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação (GPMSE) do Instituto de Educação da UFMT. <https://orcid.org/0000-0003-4267-2393> **edsonrondon@hotmail.com**